

Aquilo era eu

DR. LUIZ ERNESTO PUJOL

Pequenino, flutuando livre no espaço líquido de meu invólucro. A única coisa que me atrapalhava era um imenso cordão que saía de mim e eu não entendia para onde ia.

Tudo era de uma escuridão morna e um som contínuo, ritmado, abafado e que algumas vezes parecia acelerar.

O tempo ia passando e algumas coisas começaram a brotar em mim, aumentando meu tamanho e diminuindo o espaço que antes era amplo nesse meu invólucro.

Fui me adaptando às restrições de meus movimentos, mas aquele cordão continuava a me atrapalhar, enovelando-se em mim, liso, sorrateiro, como que tentando me aprisionar.

Passei a escutar alguns outros sons, principalmente vindos de uma voz grave que me causava uma indefinida apreensão, na sua evidente agressividade.

Ao contrário, ouvia uma voz menos grave, que se opunha à voz grave, principalmente quando discutiam uma palavra que me causava arrepios, mesmo sem saber o que significava abortamento.

As vozes se repetiam com bastante frequência, em tom bastante elevado, e o som sincopado se tornava nessas ocasiões mais intenso e rápido. Não era agradável essa experiência. Sem possibilidade nenhuma de reagir, eu me encolhia em mim mesmo e ficava lá, quietinho, à espera de não sei o quê.

Inesperadamente a voz mais grave não se fez mais audível. A voz menos grave se tornou mais suave, cantava melodias, às vezes parecia querer conversar comigo, e o som surdo voltou a ser tranquilamente compassado.

Passava o tempo e eu me sentia mais protegido e acolhido, sem saber exatamente o que era aquele sentimento. Mas era bom.

De repente, senti ser empurrado para um túnel de onde surgiu uma luz. Percebi que o tamanho do túnel era bem menor do que eu. Tudo o que me compunha era impelido naquele sentido, inclusive aquele cordão desagradável, até que minha cabeça foi espremida e passou pelo túnel, acompanhada do resto de mim.

Ofuscado pela claridade desconhecida, senti-me livre daquele incômodo cordão que tolhia minhas peripécias aquáticas. Fui submetido a fricções por todo o corpo e levado ao contato com uma pele sedosa, quando a voz menos grave falou:

“Meu filho amado, seja bem-vindo!”

E naquele momento entendi que eu não era mais aquilo. Aquilo era eu. E comecei a ser feliz... **❶**



“Pregnant Woman” (mulher grávida), de Marc Chagall (1887-1985), pintor surrealista judeu russo-francês.